

DIAS 8 E 9 DE NOVEMBRO DE 2018

AS LIMITAÇÕES DA TRADUÇÃO FEITA POR PALAVRAS: UMA ANÁLISE NA OBRA ORGULHO E PRECONCEITO DE JANE AUSTEN

Gleison Araujo Moraes¹, Lídia Maria Nazaré Alves², Paulo César Rizzo de Souza³, Ivete Monteiro de Azevedo⁴

¹ Graduando em Letras – Português/Inglês, UEMG – Carangola, gleisonaraaujo10@gmail.com

² Doutora em Literatura, Universidade Federal Fluminense, lidianazare@hotmail.com

³Mestre em Linguística Aplicada no Ensino de Inglês como Língua Estrangeira, TEFL,UAA, paulorisso@yahoo.com.br

⁴Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense, imazevedo62@gmail.com

RESUMO: Reconhecendo-se que na modernidade “tudo o que é sólido desmancha no ar” e, afim de ilustrar essa dissolução no campo das letras através do trabalho da tradução desenvolveu-se o presente trabalho, que foi colocado em prática a partir da análise das divergências entre o texto tradução e texto original do livro “Pride and Prejudice” – Orgulho e Preconceito – da escritora Jane Austen. Ao tentar entender este campo de trabalho, essa análise procura demonstrar a instabilidade das letras no ofício de um tradutor, que, dependendo dos casos, na tradução subverte demasiadamente a obra original, podendo esta acabar possuindo características diferentes daquelas que foram construídas pelo autor(a) no contexto nativo da obra. Clarearam as observações aqui expostas, Jane Austen (1982) com a obra Orgulho e Preconceito (uma versão traduzida por Lúcio Cardoso e outra na língua inglesa, que é a da escritora). Também foram de grande contribuição para o desenvolvimento do trabalho os estudos acerca da modernidade maleável que Marshall Berman (1986), explora na obra “Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade”; Geraldo Ramos Pontes Jr. E Maria Cristina Batalha (2004), “A tradução como prática da Alteridade”, cujo conteúdo está envolto na necessidade da tradução; e as obras “Escola de Tradutores” de Paulo Rónai (1976) e, “Oficina de Tradução: a teoria na prática” de Rosemary Arrojo (1992), livros que contribuem para o entendimento do ofício do tradutor bem como seus desafios. Esta pesquisa utilizou-se da metodologia com abordagens através de análise bibliográfica. A partir das análises aqui feitas pode-se concluir que, na tradução o tradutor pode assumir traços que dizem respeito ao autor, visto que em seu ofício ele pode ressignificar ou omitir conteúdo veiculado na obra original, o que transforma a semântica e letra desta, que até certo momento era sólida, em algo líquido que se “desmancha no ar”, mais precisamente, nas mãos do tradutor.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução textual. Modernidade. Semântica textual. Maleabilidade das letras

Área do Conhecimento: Linguística, Letras e Artes.

INTRODUÇÃO

Na modernidade, as fronteiras entre culturas e sociedades foram se tornando cada vez mais estreitas, para o filósofo Marshall Berman (1986), a modernidade é caracterizada pela constante busca de inovações e criações em que a burguesia se submete, novas tecnologias vão surgindo, novas crenças, novos meios de se relacionar em sociedade, tudo isso caracteriza a chamada modernidade. Segundo este mesmo autor (1986, p.87): “O pensamento atual sobre a modernidade se divide em dois comportamentos distintos, hermeticamente lacrados um em relação ao outro: “modernização” em economia e política, “modernismo” em arte, cultura e sensibilidade.”

Tratando-se especificamente do modernismo, pode-se perceber que o trabalho com a tradução textual foi um “avanço” que possibilitou a diminuição das fronteiras das palavras e das letras levadas a outros contextos, dado que obras de prestígio, de diferentes línguas, podem ser acessadas por qualquer cidadão que poderá lê-las em sua própria língua através das versões traduzidas. Porém, cabe ressaltar que uma vez que as obras não são somente palavras puras mas também carga contextual e cultural, ao serem traduzidas, tais aspectos sofrem manipulações que o tradutor precisa realizar para adequar-se à língua alvo. A partir daí, dependendo de como fica a versão final do trabalho, ela pode

ser alvo de diferentes críticas frente a sua versão original. Dentre tais críticas, Paulo Rónai (1976) e Rosemary Arrojo (1992), citam a questão da fidelidade ao texto original, o que é quase impossível, visto que nenhuma língua é igual a outra, também pela difícil tarefa da tradução de obras literárias, por estas serem consideradas por muitos “(...) intraduzível por causa da própria natureza da linguagem.” (RÓNAI, 1976, p.1). Segundo este mesmo autor, os defensores dessa ideia mantêm tal posicionamento ao alegar que as palavras são definidas pelo contexto, sua relação com o conhecimento de mundo do leitor e as frases a que elas estão agrupadas no texto, sendo assim, verter uma obra a outra língua seria arrancar este contexto da língua-fonte e recolocá-lo em um contexto totalmente diferente, que seria a tradução.

Com o intuito de poder exemplificar quais aspectos de uma obra podem ser manipulados na tradução, o presente trabalho traça um caminho para entender em qual momento a tradução se fez necessária, mostrando quais motivos levaram à sua necessidade. Entre eles, pode-se citar a própria era moderna, caracterizada pelas estreitas pontes entre as culturas em que tudo o que é sólido se dissolve (roupas, tecnologias, crenças, letras, etc.), e também o fato de que nem todo mundo é capaz de ler no original grandes obras universais. Sendo assim, elas somente ganham acesso amplo através de suas versões traduzidas.

O presente estudo também abordará brevemente os desafios do trabalho do tradutor, pontuando, como já mencionado, o problema da fidelidade ao texto original e como que as letras e palavras podem ser maleáveis neste trabalho, ganhando novos significados e/ou interpretações que podem diferir-se da língua-fonte. Tal assunto será ilustrado a partir da análise dos primeiros 15 capítulos da obra *“Pride and Prejudice”* de Jane Austen, obra considerada um clássico da literatura de língua inglesa e que ganhou sua versão traduzida para o português através de Joaquim Lúcio Cardoso Filho, que além dessa obra, também traduziu outras como as de Defoe e Emily Bronte. Esta análise poderá esclarecer algumas questões referentes à limitação da tradução de obras, cujas semioses manipuladas são as letras. É possível encontrar na obra trechos que são omitidos e também são acrescidos de falas ao serem traduzidos. É possível encontrar também palavras que ganham traduções diferentes, mesmo havendo equivalentes na língua alvo, além de também ser possível encontrar trocas nas falas de alguns personagens, divergência que pode gerar confusão na interpretação do texto. Sendo assim, será possível concluir que, quando caracterizou todos os aspectos das atividades da sociedade em líquidos (ou solúveis), Marshall Berman (1986) estava em consonância com a abordagem dessa análise, em que é possível perceber que a sintaxe, as palavras, a semântica e o contexto que estavam sólidos na obra original, se dissolvem através da tradução, que em alguns casos pode até criar uma obra à parte, tendo resultados diferentes daqueles pretendidos no contexto original da escrita.

1 A NECESSIDADE DA TRADUÇÃO

Marshall Berman (1986, p.15) afirma: “A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana.” A esta afirmação pode-se acrescentar o papel da tradução na modernidade, ela pode confrontar as fronteiras entre línguas, textos e encontros culturais. Somente esse sentido já poderia encerrar o porquê de a tradução ter se feito necessária, o que vem desde as histórias de cavalaria até os dias de hoje, em que a modernidade se construiu e está em constante evolução. Porém, faz-se necessário explanar-se mais um pouco sobre a constituição deste trabalho, que pode ser uma faca de dois gumes, uma vez que se lida com línguas que se diferem uma da outra

Outro fator relacionado à necessidade da tradução está de acordo com o que afirma Paulo Rónai (1976, p.17), que diz: “Só uma pequena fração de leitores são capazes de ler no original as grandes obras universais; os demais, forçosamente, devem lê-las em tradução.” Logo, grande parte da população mundial somente tem acesso a livros de prestígio global através das traduções, o que torna esse campo de trabalho ainda mais delicado, dependendo do grau de transcendência que uma obra, por exemplo, as clássicas, podem possuir nas sociedades.

Geraldo Ramos Pontes Jr e Maria Cristina Batalha, no artigo “A tradução como prática da Alteridade” (2004), podem esclarecer mais um aspecto do que teria contribuído para a necessidade da tradução na sociedade moderna.

Primeiramente, discute-se a difusão das diferentes culturas através do trabalho da tradução, sabe-se que a propagação de diferentes textos ao longo da história ocorreu através de obras traduzidas, pontuam Batalha e Jr (2004, p.28) ao explicitarem: “A verdade é que a circulação de textos através da história se deu pelas suas traduções que, boas ou más, constituem parte integrante do acervo comum de textos, (...).” A partir deste ponto de vista, entende-se a tradução como propagadora da literatura, sendo parte integrante da cultura literária ao longo da história.

Foi a partir de tradução que obras de cavalaria e mitos da cultura Grega e Romana se propagaram até os dias de hoje.

Referindo-se à prática da alteridade, a tradução pode ser entendida como difusora de valores e culturas, contribuindo para preconceitos ou respeito entre as diferentes línguas. Um ponto positivo que pode ser integrado através do trabalho da tradução é que a partir dela acontece um chamado à autorreflexão da própria cultura e a cultura do outro, uma vez que traduzir “favorece uma maior aproximação entre os povos” (BATALHA, JUNIOR, 2004, p.30).

Através da tradução, o tradutor pode submeter sua língua a uma hierarquia em relação a outra língua. Isso pode ocorrer a partir da preocupação que se tem em manter a originalidade com o texto original o que leva a gerar problemas no que diz respeito ao sentido semântico da obra que, inerente ao tradutor, sofrerá mudanças na tradução uma vez que nenhuma língua é igual a outra.

Outro motivo que pode ser considerado como precursor para a necessidade da tradução é a crença “na originalidade de um texto, de uma língua pura, pré-babélica, sacralizada, contribuiu para a aproximação do texto literário ao texto religioso e, por conseguinte, para a desvalorização do texto traduzido, percebido então como um texto inferior”. Apesar de os autores afirmarem que nesse sentido o texto traduzido é desvalorizado e visto como de segunda mão, pode-se afirmar também que a tradução é uma forma de quebrar tal crença, uma vez que sua propagação torna possível a transcrição dos textos dessas línguas consideradas como sagradas, puras e ditas impenetráveis. Nesse sentido, o texto traduzido é de grande valor para a quebra dessas crenças.

2 O OFÍCIO DO TRADUTOR

O tradutor que se empenha em executar bem o seu trabalho não é tarefa fácil. A respeito dessa área, fazendo referências ao ofício daqueles que sobrevivem da tradução, Paulo Rónai (1976) escreveu o livro “Escola de Tradutores”, segundo esse autor “(...) o bom tradutor será um homem lido e culto, com sólida cultura geral, (...) Sobretudo no começo de sua carreira, ele tem de ler com atenção traduções de colegas e, de vez em quando, escolher uma para cortejá-la linha por linha com o original.” (RÓNAI, 1976, p. 19-20). Com essa afirmação, não é de se estranhar a dedicação de escritores clássicos e de grande valor para a literatura trabalhando na tradução, como por exemplo Carlos Drummond de Andrade que reúne alguns de seus trabalhos na obra “Poesias Traduzidas” e também Machado de Assis que entre suas traduções pode ser incluído o famoso poema “O Corvo” de Edgar Allan Poe.

Um tradutor iniciante precisa estar em contato com traduções feitas por seus colegas, para assim explorar as características de uma obra traduzida frente a sua versão original. Ao afirmar que o tradutor deve ter uma “sólida cultura geral”, Rónai (1976) se refere ao tradutor ter contato com as diversas culturas, principalmente aquelas em que ele irá exercer seu trabalho. Isso ocorre uma vez que ao traduzir um texto, o tradutor não estará traduzindo apenas palavras, mas também culturas e ideologias, logo, para não correr o risco de cair em constrangimento traduzindo uma expressão cultural erroneamente, ele precisa estar ciente do que envolve os significados de cada expressão quando estão em seu contexto original. Por exemplo, na expressão inglesa “*beggars can't be chooser*”, a tradução literal segundo o Google tradutor seria “os mendigos não podem ser escolhidos”, por isso o Google tradutor é uma ferramenta que nesse sentido não poderá contribuir com o trabalho da tradução, uma vez que o exemplo faz referência a uma expressão popular, que no português se aproximaria com a expressão “para fome não há pão velho” ou “cavalo dado não se olha os dentes”. O tradutor precisa estar ciente dos aspectos culturais que envolvem uma língua, senão, seu trabalho pode virar alvo de várias críticas negativas.

Paulo Rónai (1976) afirma que no seu ofício, como ferramentas fundamentais, o tradutor deve ter sempre dicionários e gramáticas para constante consulta, além de precisar estar sempre estudando os diferentes autores e trabalhos que envolvam seus textos, a fim de possuírem materiais suficientes para a execução de seu trabalho. Dentro de sua área, o tradutor pode se deparar com diferentes desafios, entre eles Rónai menciona: “traduzir o intraduzível” e o desafio das traduções do “campo literário”, que são as consideradas mais complexas, uma vez que tais obras foram escritas com intenções na língua de origem, o que leva a tradução a subvertê-las ao transpô-las para outra língua.

Em grande parte de sua obra, Rónai (1976) se dedica a explicar casos que aconteceram em diferentes traduções, como o latim, francês, etc. O que é comum em todos esses casos é o falar sobre o processo que o tradutor teve que realizar para chegar ao seu objetivo. A partir desse ponto, podemos citar uma outra obra que pode contribuir para o entendimento da prática da tradução, esta é a de Rosemary Arrojo (1992), com o título de “Oficina de Tradução: A teoria na prática”.

Nesse livro, a autora aborda a respeito da tradução na prática, assim como Rónai (1976), ela também faz menção às críticas referentes à tradução de textos literários, segundo ela, muitos poetas, como por exemplo o americano Robert Frost, “(...) que abordam a questão da tradução de textos literários considera que traduzir é destruir, é descaracterizar, é trivializar. (...) Segundo esses poetas e escritores, a tradução é uma atividade essencialmente inferior, por que falha em capturar a “alma” ou o “espírito” do texto literário ou poético.” (ARROJO, 1992, p.26-27)

Essa interpretação torna o trabalho do tradutor ainda mais desafiador e sucinto a críticas, a partir daí a autora levanta a questão da “fidelidade” de um texto traduzido e afirma ser impossível uma cópia exata da obra “original”, uma vez que não se tem como “(...) resgatar integralmente as intenções e o universo de um autor, exatamente por que essas intenções e esse universo serão sempre, inevitavelmente, nossa visão daquilo que possam ter sido”. (ARROJO, 1992, p.40). Arrojo (1992) chega a essa conclusão através do exemplo de um concurso de fantasia na década de 20 em que ganharia quem fosse mais “fielmente” caracterizado como a rainha do Egito. Segundo a autora, essa cópia, mesmo que fiel, ainda assim seria diferente da Cleópatra original, uma vez que as roupas e maquiagens possuiriam aspectos da década de 20 e não da época em que a rainha viveu, sendo assim, a ganhadora seria considerada mais parecida, o que poderia diferir dos tempos de hoje, caso o mesmo concurso fosse realizado.

Com as concepções de tradução até aqui expostas, pode-se considerar que essa prática não é uma simples transposição de termos e que, através da ressignificação das palavras, a obra traduzida pode ser considerada uma obra à parte da obra “original”. Tentaremos ilustrar as dificuldades desse ofício no próximo tópico com a análise da obra de Austen, não para desmerecer a profissão, mas sim para demonstrar os processos que podem fazer a obra traduzida ser diferente da “original”.

3 A RESSIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS NA TRADUÇÃO DE ORGULHO E PRECONCEITO: DIVERGÊNCIAS ENTRE O TEXTO BASE

Sabendo-se da complexidade das línguas e da difícil tarefa do tradutor, serão analisados os sentidos de alguns trechos da tradução da obra Orgulho e Preconceito de Jane Austen paralelo à obra original, não a fim de desvalorizar o trabalho do tradutor ao apontar suas “falhas” e sim com o intuito de exemplificar que assim como Marshall Berman (1986) aborda o processo de modernidade sendo um meio pelo qual tudo o que é sólido na construção da sociedade se desmancha no ar, no campo das letras o mesmo pode ocorrer, senão a tradução não seria possível. Sendo assim, ao manusear a escrita base de um texto a fim de fazer sua tradução para outras línguas, o tradutor está lidando com algo que é maleável, portanto a escrita não será estática, podendo muitas vezes ganhar outros sentidos a partir da sua transposição em uma língua diferente.

A obra de Jane Austen é um romance que narra a vida de uma família cuja mãe quer casar uma de suas filhas, isso se inicia a partir de um rapaz com grandes bens financeiros que havia se mudado para a vizinhança. Os protagonistas referentes ao tema da obra são Mr. Darcy e Elizabeth, que se conheceram em um baile, porém o primeiro encontro não foi simpatizante a Elizabeth, a partir daí a trama se desenvolve até que se chega em seu desfecho.

A obra original é conhecida como *“Pride and Prejudice”*, teve sua primeira publicação no ano de 1813. A obra traduzida que será analisada foi escrita pelo tradutor Joaquim Lúcio Cardoso Filho (1912 – 1968), que dentre os escritores, também traduziu Daniel Defoe (1944) e Emily Bronte (1947).

Segundo Paulo Rónai (1976) no mundo moderno há vários ramos da tradução, dentre elas a que se com um fim mais objetivo e com possibilidade maior de tradução exata, que são chamadas de traduções técnicas, presentes, por exemplo, nas áreas da medicina e farmácia (bulas, remédios), em que um erro na tradução poderia ocasionar vários problemas. Existe a tradução que se encaixa nas obras de Jane Austen e outros escritores, são as chamadas traduções literárias (poemas, textos literários). Paulo Rónai (1976) chama estes textos de “não – específicos”, e nesse tipo de tradução, é preciso levar em consideração que não existirá aquela que será perfeita, porque como, segundo o autor, esse tipo de tradução demanda do tradutor: “além do dom linguístico e de estudos especializados, talento poético”. (RÓNAI, 1976, p.38)

Uma tradução não – específica, não significa que um resultado pouco preciso não ocasionará problemas só por estar presente no campo das obras literárias, por isso, é preciso atenção do tradutor na hora de escolher as palavras, visto que muitas das vezes a essência que a escritora procurava passar na obra com a escrita original pode se perder em uma tradução mal elaborada.

No capítulo 1 da obra original de Jane Austen há os seguintes parágrafos: “It is a truth universally acknowledged, that a single man in possession of a good fortune, must be in want of a wife. However little known the feelings or views of such a man ...” (AUSTEN, 1813, p. 2)

Lúcio Cardoso, os traduzem assim: “É uma verdade universalmente conhecida que um homem solteiro, possuidor de uma boa fortuna, deve estar necessitado de esposa.

Por pouco que os sentimentos ou as opiniões de tal homem...” (AUSTEN, 1976 p.7)

Analizando esses dois fragmentos, pode-se perceber que a obra original introduz o segundo parágrafo com um uma conjunção adversativa *however* (*entretanto*), a qual manterá conexão com o parágrafo anterior. Logo interpreta-se na obra original que tem-se a hipótese de que um homem com grande fortuna está querendo uma esposa, entretanto pouco sabe-se o sentimento de tal homem... a versão traduzida exclui tal conjunção que mantinha a ligação nos dois parágrafos, iniciando o segundo

diretamente com um advérbio de intensidade, desfazendo o caráter adversativo que estava presente entre o primeiro e segundo fragmento.

Outra divergência logo a frente desses dois fragmentos é em relação ao tempo presente, passado e futuro. Pode-se perceber que nos trechos que foram utilizados o tempo presente, o tradutor transpõe como passado, vê-se esse exemplo em Austen (1813, p.2): "have you heard that Netherfield Park is let at last?", o verbo to be (*is*) nesse fragmento é o marcador do tempo presente, ser ou estar, na 3^a pessoa do singular, portanto a tradução seria: Você já ouviu que Netherfield Park está alugado? Pois está se referindo a uma ação que possui consequência no presente (o ato de alugar). Quando o tradutor usa o tempo passado, falando que "Netherfield Park foi alugado", na língua inglesa seria interpretado como uma ação que aconteceu no passado e ficou no passado, logo precisaria ter sido usado o *was* ao invés de *is* o que daria a entender que o lugar foi alugado, mas hoje não está mais. Porém, a língua portuguesa permite o termo "foi alugado", para demonstrar uma ação concreta no passado mas que também pode possuir reflexos no presente. Sendo assim, é possível perceber a carga estrutural da gramática de uma língua que se difere da outra, e a interferência consciente do tradutor para que o texto seja adequado na língua transposta. Nesse fragmento, a letra original foi reordenada pelo tradutor, mostrando a complexidade de sentido das estruturas de diferentes línguas e como o que está concreto em uma, se desmancha ao ser manuseado pela tradução. Em consequência desse fragmento, para formar a concordância entre os próximos, foi preciso que os outros verbos que estavam colocados no presente, fossem reorganizados no passado, o que provoca um distanciamento da letra e obra original em relação a letra e obra traduzida.

Outro ponto que pode ser encontrado na obra traduzida, é o caso da omissão dos pronomes, o que acaba resultando em outro entendimento de parte da obra, quando a esposa de Mr. Bennet diz que pretende casar o novo vizinho com uma de suas filhas, ela diz: "I am thinking of his marrying one of them." (AUSTEN, 1982 p. 3). Traduzindo esse fragmento, o tradutor apenas coloca: "(...) ando pensando em casar uma delas" (Austen, 1982, p. 8) o que possui o sentido de querer casar as filhas com qualquer um, diferente da tradução literal que seria: Ando pensando em casá-lo com uma delas, o que retornaria a alguém específico que já havia sido mencionado, logo ao omitir esse sujeito o tradutor novamente reelabora a tradução em relação ao sentido original da obra.

Em outro trecho do livro é usada uma expressão popular, da qual a autora se valeu com a intenção de trazer um humor ou uma pegada mais descontraída para a conversa entre Mr. Bennet e sua esposa. Em conversa a respeito de visitar o novo vizinho, o marido diz que é melhor as filhas irem sozinhas, porque sendo sua mulher mais bonita, ele poderia achar "the best of the party", que traduzindo seria "a melhor da festa" (iria preferir ela), ao traduzir este fragmento, o tradutor tira a força locucionária dessa expressão, pois ele apenas diz: "Bingley pode preferi-la", como na língua portuguesa a expressão "a melhor da festa" não é muito utilizada, o tradutor acabou tendo que suprimir a intenção original da autora para que a obra pudesse ser lida na língua traduzida.

Outra interferência que pode muitas vezes quebrar as intenções da autora com a obra original é quando o tradutor explicita o que deveria ser subtendido, há um parágrafo da obra que pode-se perceber isso, a mulher de Mr. Bennet diz que antes dele, nem ela e nem as filhas poderiam visitar o novo vizinho, "... for it will be impossible for *us* to visit him if you do not." (AUSTEN, 1813, p.4), a autora deixa implícito nessa frase que elas não podem visitar o vizinho porque são mulheres, mas ela não diz isso diretamente, pode-se dizer que sua intenção é apenas dar uma pista para essa interpretação, na obra traduzida os leitores não serão chamados a fazerem essa interpretação, uma vez que o tradutor quebra essa essência ao escancarar na tradução que: "Deve ir, pois a nós, *mujeres*, será impossível fazê-lo, se antes você não o fizer." (AUSTEN, 1982, p.8), fazendo além da tradução a interpretação que devia estar nas mãos dos leitores.

Apenas nesse primeiro capítulo, já podemos perceber o quanto maleável é uma escrita, a princípio estática, se torna na mão do tradutor, isso porque para traduzir uma língua eficientemente não é necessário apenas transpor equivalentes, como diz Paulo Rónai (1976, p.7), "Só se poderia falar em tradução literal se houvesse línguas bastante semelhantes para permitirem ao tradutor limitar-se a uma simples transposição ou expressões de uma para outra. Mas línguas assim não há, nem mesmo entre os idiomas cognatos."

É por isso que é possível afirmar que não existem traduções perfeitas, o tradutor muitas vezes tem quase que estar na pele do autor para lhe traduzir os significados impostos nos signos, não é tarefa fácil, como diz Rónai (1976), no campo da tradução é preciso se ater às aproximações, ao se distanciar delas o tradutor pode cair em perigo de tomar a posição de autor, escrevendo a obra com vários sentidos diferentes do original, por isso ele deve estar ciente da sua posição frente a um texto que irá traduzir. Veremos se na obra de Jane Austen essa posição do tradutor como autor se faz presente na análise dos próximos capítulos, ilustrando seu manuseamento do texto original para a tradução.

No capítulo 2 da obra não se encontram muitos fragmentos que o tradutor se distancia do sentido da obra original, percebemos essa interferência no fragmento "we shall meet him at the assemblies" (AUSTEN, 1813, p.6), no qual o tradutor expõe sendo com: "nós o encontraremos em

reuniões” (AUSTEN, 1982, p.10), primeiramente na obra original foi usado o conectivo “*at the*” (em+as), que no contexto utilizado significa que encontrarão o sujeito nas reuniões que já é algo certo que estarão presentes, ao usar a preposição “em”, o tradutor novamente coloca o fragmento num sentido amplo, dando a entender que sempre quando as moças encontrarem o sujeito ele estará em reuniões, as quais elas poderão estar presentes ou não, o restante do capítulo não possui grandes interferências que diferem do sentido do original.

Pode-se dizer que há uma diferença entre a palavra desafiar e escapar, porém ao fazer a tradução de um fragmento do capítulo 3 da obra, o tradutor não se atentou a essa diferença, pois há o seguinte texto quando Mrs. Bennet e suas filhas tentam saber informações do pai sobre o novo vizinho, mas não conseguem, então Mr. Bennet “eluded the skill of them all” (AUSTEN, 1813, p.10), ou seja, ele escapou de todas as habilidades delas que estavam tentando tirar alguma resposta dele (*eluded*), o que não é trazido na tradução de Lúcio Cardoso, o qual transpõe o mesmo fragmento como: “Ele desafiou a habilidade de todas elas.” (AUSTEN, 1982, p.13), colocando a tradução de uma palavra que significa escapar como desafiar, o que provoca novamente distanciamento de sentido entre obra original e tradução que está sempre no manuseio do tradutor.

Ainda no capítulo 3 podemos perceber que a tradução não só modifica o sentido das palavras, mas acaba omitindo partes do texto que é significante para o entendimento da história, o que coloca o trabalho em posição duvidosa, uma vez que segundo Rónai (1976, p.2) frente a qualquer desafio na tradução o tradutor deve encará-lo, pois “O objetivo de toda arte não é algo impossível? O poeta exprime (ou quer exprimir) o inexprimível, o pintor reproduz o irreproduzível (...) Não é surpreendente, pois, que o tradutor se empenhe em traduzir o intraduzível”, nesse caso Cardoso coloca sua tradução frente à fragilidade porque encontramos o seguinte fragmento no original, quando uma senhora explica a Mrs. Bennet e suas filhas o porquê de Mr. Bingley ter viajado:

(...) and a report soon followed that Mr. Bingley was to bring twelve ladies and seven gentlemen with him to the assembly.¹ The girls grieved over such a number of ladies, but were comforted the day before the ball by hearing, that instead of twelve he brought only six with him from London—his five sisters and a cousin. (AUSTEN, 1813, p.11)

O fragmento em negrito foi destacado por nós a fim de ilustrar a parte do texto omitida pelo tradutor, o qual deveria traduzi-la como: “e logo em seguida reportou que Mr. Bingley foi para trazer 12 senhoras e 7 senhores com ele para o baile.” Como o tradutor não insere este fragmento, esta parte da obra é introduzida logo em: “As meninas lamentaram a vinda de tão grande número de senhoras. Mas, na véspera do baile, consolaram-se ao saber que, em vez de doze, Mr. Bingley tinha trazido apenas seis senhoras de Londres, cinco irmãs e uma prima.” (AUSTEN, 1982, p.14). No fragmento traduzido há uma falha nas informações, pois a tradução diz que as garotas lamentaram o grande número de senhoras que iriam com Mr. Bingley, porém, o leitor não saberia qual seria esse número, uma vez que o fragmento que se refere a ele é omitido pelo tradutor e antes disso nada é dito em relação à quantidade de pessoas que ele iria trazer, é apenas informado que traria um grupo de pessoas, sendo assim, nesse fragmento é possível elucidar as afirmações de Marshall Berman, pois realmente “tudo que é sólido desmancha no ar”, uma vez que a letra que estava estática na obra original não somente é transformada, mas também diluída e apagada nas mãos do tradutor, pelo menos nessa obra em questão.

Ainda nesse capítulo 3, pode-se perceber como a troca de palavras distancia as intenções do texto original quanto a sua tradução, em um fragmento desse capítulo há os seguintes dizeres a respeito das filhas de Mrs. Bennet quanto ao baile que elas participaram: “(...) Catherine and Lydia had been fortunate enough never to be without partners, which was all that they had yet learnt to care for at a ball.” (AUSTEN, 1813, p.14)

Traduzindo adequadamente para se manter o sentido original ter-se-ia: Catherine e Lydia tiveram a sorte suficiente de não ficarem sem par, o que foi tudo que elas já haviam aprendido que devia se preocupar em um baile. Ao colocar que foi tudo que elas haviam aprendido (*learnt*), pode-se dizer que a intenção da autora era mostrar como as moças eram educadas na época e o que era ensinado para elas priorizarem em suas vidas, porém, ao leitor da tradução talvez não seja possível tal interpretação, uma vez que o tradutor não transpõe adequadamente o sentido da palavra *learnt* (aprender), usando outra palavra (considerar) que não possibilita tal interpretação: “Katherine e Lydia tinham tido a sorte de nunca ficar sem par, a única coisa que elas consideravam importante num baile.” (AUSTEN, 1982, p.16). Tal tradução leva à interpretação de que ter um par era apenas algo que elas consideravam importante, o que é diferente de ser ensinada que um par num baile é importante. Sendo

¹ Grifo nosso

assim, novamente com a tradução, o tradutor corre o risco de produzir sentidos diferentes daqueles intencionados na obra original.

No capítulo 4, não encontra-se partes da tradução que possa contrastar com o sentido original da obra. Porém no capítulo 5 é possível encontrar diferenças em relação à pontuação do texto, o que pode causar interferência semântica, pois onde na obra original era uma afirmação, na tradução foi usado um ponto de interrogação, como pode-se ver abaixo, Mrs. Bennet estava conversando sobre o baile e explica por que achava que Mr. Bingley agradou de sua filha: “Oh! you mean Jane, I suppose, because he danced with her twice.² To be sure that DID seem as if he admired her — indeed I rather believe he DID (...)” (AUSTEN, 1813, p.22). Na parte em negrito há uma afirmação “(...) por que ele dançou com ela duas vezes”, visto que não há o ponto de interrogação, no inglês é necessário o uso do auxiliar (do/does) na construção de perguntas e porque a intenção da personagem era mostrar que a sua filha foi escolhida para dançar duas vezes, no entanto, percebe-se que o tradutor não se atentou para esses aspectos e transpôs o fragmento da seguinte maneira: “— Oh, você se refere a Jane, suponho eu, porque Mr. Bingley dançou com ela duas vezes?³ Isso decerto leva a crer que ele a achou interessante. Aliás estou certa de que este foi o caso. (...)", enquanto na obra original a pessoa não é interrogada, pois a vontade da personagem é só afirmar as duas danças de sua filha, na tradução o ponto de interrogação dá a entender que ela interroga sua interlocutora a fim de saber se sua fala é porque Mr. Bingley dançou com sua filha duas vezes, logo, vê-se que no processo de tradução não somente as letras são diluídas, mas também a pontuação, que dependendo do grau de modificação pode alterar o sentido original da obra, como mostrado no exemplo acima.

No capítulo 8 novamente há um trecho da obra original que é omitido dentro da tradução, quando as irmãs de Mr. Bingley estavam falando da roupa da irmã de Jane há o seguinte trecho: “**Yes, and her petticoat; I hope you saw her petticoat, six inches deep in mud,**⁴ I am absolutely certain; and the gown which had been let down to hide it not doing its office.” (AUSTEN, 1813, p.43), porém o tradutor poupa os comentários a respeito da saia da moça, traduzindo apenas a parte acima destacada em negrito: “— Sim, e a saia dela? Espero que você tenha visto. A barra estava toda suja de lama.” (AUSTEN, 1982, p.38), esse fragmento omite a conclusão que a moça tira a respeito da peça, sendo esta a tradução completa: “— Sim, e a saia dela? Espero que você tenha visto. A barra estava toda suja de lama. E o vestido que havia decepcionado em cobrir a lama, não fazendo seu trabalho”. Assim, novamente o leitor fica diante de um aspecto que ocorre no caminho da obra em direção a tradução, a omissão de trechos que fazem parte da continuação da coerência do enredo faz a tradução por palavras ser limitada e comprimida às vontades do tradutor.

Ainda no capítulo 8 parece que o tradutor não se atenta para a fala dos personagens, misturando-os, pois em um trecho no qual a fala é de Miss Bingley, o tradutor coloca Mr. Bingley, o que pode causar confusão nas características dos personagens, pois a fala é sarcástica, e a característica de Mr. Bingley não é desse tipo, e sim a de sua irmã Miss Bingley, por isso que nesse trecho a confusão na mente do leitor pode ser irreversível, abaixo há a ilustração do trecho no original e na tradução: “Miss Eliza Bennet,’ said Miss Bingley⁵, ‘despises cards. She is a great reader, and has no pleasure in anything else.’” (AUSTEN, 1813, p.45)

“— Miss Elizabeth Bennet — disse Mr. Bingley⁶ — despreza os jogos de cartas. Lê muito e não encontra prazer noutra coisa.” (AUSTEN, 1982, p.39)

No capítulo 9 não há alterações que podem modificar o sentido do romance, porém no capítulo 10 pode-se observar que o tradutor usa de eufemismo na tradução de certas palavras que podem parecer grosseiras, por exemplo, no começo deste capítulo o narrador narra o seguinte trecho: “Mrs. Hurst and Miss Bingley had spent some hours of the morning with the invalid (...)” (AUSTEN, 1813, p.57), lembrando que a palavra *invalid* significa inválida, observe a tradução feita pelo tradutor: “Mrs. Hurst e Miss Bingley passaram algumas horas da manhã com a enferma (...)” (AUSTEN, 1982, p.48), a palavra enferma é usada no lugar de inválida, sendo assim, nesse trecho pode-se considerar que a tradução foi feita de forma subjetiva, uma vez que, o tradutor querendo amenizar o efeito que uma palavra poderia causar, usa do eufemismo, talvez por razões intrínsecas, ou razões culturais, o que aqui não podemos saber.

No capítulo 11 novamente não se encontram divergências, o que mostra até aqui que o tradutor manipula mais alguns capítulos do que outros, o que pode levar a pensar que as alterações por ele cometidas ocorrem de forma linear e consciente. Sendo que, a cada capítulo, um conterá discrepância em relação à obra original e outro não.

² Grifo Noso.

³ Grifo Noso.

⁴ Grifo Noso.

⁵ Grifo Noso.

⁶ Grifo Noso.

Isso confirma-se, pois no próximo capítulo novamente encontram-se palavras sendo traduzidas de maneira em que o sentido pretendido tem se alterado. No final do capítulo 12 quando as moças estavam se despedindo, há os seguintes dizeres: “(...) and when they parted, after assuring the later of the pleasure it would always give her to see her either at Longbourn or Netherfield, and embracing her most tenderly (...)” (AUSTEN, 1813, p.73), a tradução diz: “(...) E na hora da despedida, depois de assegurar a essa última o prazer que sempre teria em tornar a vê-la em Longbourn ou em Netherfield, beijando-a em seguida afetuosamente (...)” (AUESTEN, 1982, p.60), o problema está na palavra *embracing*, que no português se refere mais adequadamente a “abraçar”, o tradutor coloca essa palavra como sendo beijo (*kiss*), o que em nenhum momento foi mencionado na obra fonte. Nesse sentido é necessário que o leitor faça a interpretação, que no caso poderia pensar que ao haver o abraço também houve o beijo, porém, o tradutor logo interpreta a ação e a coloca na escrita, transformando partes da obra traduzida em interpretações da obra original. Ainda nesse capítulo, a problemática de omitir partes da obra original também é encontrada, há o seguinte trecho na tradução: “Muito tinha sido feito e dito no regimento desde a quarta-feira precedente.” (AUSTEN 1982, p.60), porém pode-se observar que na obra original, antes deste trecho há outro: **“Catherine and Lydia had information for them of a diferente sort.”**⁷ Much had been done and much had been said in the regiment since the preceding Wednesday;” (AUSTEN, 1813, p.74), a parte em negrito, a qual foi omitida, se refere a Catherine e Lydia, as quais tinham informações de tipo diferente das que haviam sido ditas em um trecho anterior, a tradução feita pelo tradutor consiste em apenas expor quais são essas informações, sem antes dizer quem foram as pessoas que as forneciam, provocando uma falta de conexão no desenrolar da narrativa.

Enquanto encontra-se omissão de trechos em alguns capítulos, nos capítulos 13 e 15 há falas a mais, observe o seguinte trecho: “A gentleman and a stranger! It is Mr. Bingley, I am sure! Well, I am sure I shall be extremely glad to see Mr. Bingley. But — good Lord! How unlucky!” (AUSTEN, 1813, p.75), “— Um cavalheiro e um estranho! Então é Mr. Bingley ... Jane, e você nada disse! Pequena astuciosa!⁸ Bem, eu estou certa de que terei muito prazer em ver Mr. Bingley. Mas que pouca sorte!” (AUESTEN, 1982, p.61), podemos perceber que na tradução o tradutor inclui uma exclamação referente à Jane e na obra original nesse trecho não há nenhuma fala que se dirige a ela, o mesmo ocorre nos trechos abaixo, em que na obra há uma ação que de fato ocorreu, e o tradutor coloca que teria ocorrido, ao acrescentar **“se Mr. Bennet não tivesse sugerido aquele passeio com as meninas”**⁹, a partir daí, o tradutor não leva em consideração o tempo dos acontecimentos da obra original, observe tais trechos:

“Mr. Collins had followed him after breakfast; and there he would continue, nominally engaged with one of the largest folios in the collection, but really talking to Mr. Bennet, with little cessation, of his house and garden at Hunsford.” (AUSTEN, 1813, p.89)

“Depois da primeira refeição, Mr. Collins acompanhou o dono da casa à biblioteca e lá continuaria, indefinidamente, teoricamente ocupado em examinar um dos grandes infólios da coleção, mas na verdade falando sem cessar sobre a sua casa e o seu jardim de Hunsford, **se Mr. Bennet não tivesse sugerido aquele passeio com as meninas.**¹⁰” (AUSTEN, 1982, p.70)

Os demais capítulos não foram levados em consideração para análise, uma vez que estenderia a discussão, sendo que o objetivo deste trabalho é apenas abrir espaço para que se possa observar até que ponto as letras e as palavras na tradução podem diferir da obra original, às vezes comprometendo o sentido que é atribuído à leitura de determinados textos, principalmente os considerados de prestígio.

Utilizamos como ponto principal para esta análise os conceitos de modernidade abordados por Marshall Berman (1986), que se encaixam no assunto em tela, visto que na visão dele a modernidade é caracterizada por sua constante inconsistência do que é considerado consistente (tudo que é sólido desmancha no ar), a roupa, a moda, as máquinas, os valores, tudo em constante transformação. Aplicada ao trabalho da tradução, pode-se considerar que tais abordagens se completam, uma vez que nesse campo palavras, sintaxe e semântica estão constantemente sendo manipuladas, o que torna toda obra sólida em sintaxe, palavras e semântica maleáveis e susceptíveis a transformações que podem até criar outra obra “espelho”, em que o espelho muitas vezes pode distorcer a “realidade”.

Se tratando especificamente da obra aqui analisada, podemos perceber que esta faz uso da ideia de tradução veiculada por Rosemary Arrojo (1992, p.23), a qual diz que o texto na tradução passa a ser um *palimpsesto*, o que diz respeito ao “texto que se apaga, em cada comunidade cultural e em cada época, para dar lugar a outra escritura (ou interpretação, ou leitura, ou tradução) do “mesmo” texto.” Pode-se ver com essa ideia que o texto traduzido passa a constituir outra obra, a qual transcorre

⁷ Grifo Nosso.

⁸ Grifo Nosso.

⁹ Grifo Nosso.

¹⁰ Grifo Nosso.

de um texto base, que sofre transformações através do trabalho do tradutor, sendo assim, não possuirá todo o sentido do primeiro.

Como traço comum de interferência da tradução na obra de Austen, há omissão ou acréscimo de fragmentos, interferência semântica e palavras que ganham traduções distorcidas da que realmente poderiam ser. Vê-se também que tais alterações não ocorrem de forma aleatória, uma vez que, nem em todos os capítulos é possível encontrar grandes divergências, e sim em capítulos alternados (um sim, outro não), os capítulos considerados não alterados, são aqueles que mesmos com alguma leve interferência, essa não prejudica o sentido original da obra, já os que possuem mais divergências, são aqueles que podem causar interferência de interpretação frente à obra original.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho da tradução é um campo que se faz necessário uma vez que só conseguimos ter acesso a grandes obras de diferentes línguas através desse ofício, pois nem todas as pessoas “são capazes de ler no original as grandes obras universais”. Sendo assim o acesso a tais obras se torna amplo através da tradução, que segundo Junior e Batalha (2004) existe desde as histórias de cavalaria. Outro motivo que se leva a entender que a tradução é um meio necessário, se encontra nas reflexões a respeito da modernidade segundo Marshall Berman (1986), o qual a caracteriza sob uma perspectiva Marxista sendo uma realidade em que “tudo que é sólido se desmancha no ar”, desde invenções de roupas e tecnologias até crenças pessoais que estão sempre se reinventando. Ao trazer essa abordagem para o campo das letras no trabalho da tradução, aqui tentamos mostrar que nesse campo nada está fixo, se não não seria possível a tradução, logo o tradutor está lidando com uma sintaxe, uma semântica e morfemas considerados líquidos, pois é preciso que ele molde essa estrutura, que até então estava fixa, em uma outra língua totalmente diferente na qual a obra traduzida é interpretada em outra realidade que estará relativamente estável.

O campo deste trabalho é pouco explorado e alvo de grandes críticas, uma vez que o tradutor está lidando com algo que não é dele e sim do escritor que teve intenções e objetivos ao escrever um livro na sua língua. Como foi mencionado por autores como Paulo Rónai (1976) e Rosemary Arrojo (1992), muitas vezes o tradutor precisa quase que estar na pele do autor para lhe traduzir os significados impostos nos signos, o caso se complica ainda mais na perspectiva das traduções no campo da literatura, uma vez que nas traduções técnicas como de bulas e receitas de remédios é mais aberto se chegar a uma tradução de fato, o que não ocorre nas artes literárias em que a interpretação vai além dos signos, por isso o tradutor durante sua formação precisa se relacionar com uma ampla literatura e estar sempre estudando trabalho de colegas para poder construir seu próprio método, tendo sempre à disposição materiais como diferentes gramáticas e dicionários, além de estudar culturas e os autores que irá traduzir.

O caminho para se chegar à tradução de uma obra muitas vezes podem ser desviados para que o tradutor consiga fazer a projeção da obra na língua traduzida, para isso corre-se o risco de se encontrar no papel de autor interferindo na interpretação da obra, levando a discussões como “traduzir o intraduzível”, “tradução literal”, “fidelidade ao texto original”, que são alguns temas que Paulo Rónai (1976) e Rosemary Arrojo (1992) citam como aqueles que circulam nas discussões em torno da prática desse ofício.

Para que pudéssemos ter uma percepção de quais características são manipuladas em uma tradução, fazendo dela muitas vezes obras à parte da original, analisamos os primeiros 15 capítulos do livro *“Pride and Prejudice”* da escritora Jane Austen (1813) traduzida por Lúcio Cardoso (1982), ao analisar tal obra que é considerada como uma das grandes literaturas americanas, foi possível ver que ao traduzi-la muitos sentidos se perdem ou se reinventam na mão do tradutor, dentre as manipulações, as que foram possíveis encontrar com mais recorrência são as em relação à semântica, muitas palavras são traduzidas com sentido diferentes como no capítulo 3 escapar (*elude*) sendo traduzido como desafiar (*challenge*). Em relação a estrutura da obra, foi visto alguns trechos que são omitidos e outros acrescidos de fragmentos, como no capítulo 8 em que se omitem as opiniões a respeito do vestido de Elizabeth e o 12 em que as moças se despedem apenas com abraço e o tradutor acrescenta que se beijaram. Também foi possível perceber que os personagens são trocados em suas falas, como no capítulo 8 em que a fala era de Miss Bingley e o tradutor coloca Mr Bingley.

Tais aspectos aqui analisados foram apenas para ilustrar a maleabilidade das palavras e outras estruturas do campo das letras nas mãos do tradutor, mostrando que não existe tradução fiel, visto que nem todas línguas são iguais e caracterizadas pela mesma estrutura, tais pontos não serviram para criticar o trabalho do tradutor e sim para exemplificar que para permanecer no sentido original de uma obra é preciso lê-la na língua original, pois a tradução irá se ater ao campo das aproximações, o que já pode ser considerado de grande contribuição para o entendimento de obras universais e os *bests sellers* que conseguem atingir grandes públicos de diferentes partes do mundo.

Saber todas as línguas é impossível, e consideramos que Marchall Berman (1986) estava de acordo com a modernidade ao caracterizá-la relativamente sólida porque para além da tradução no campo das letras outros tipos de traduções são possíveis para se chegar a ter acesso a grandes obras literárias, é o caso de obras adaptadas para filmes, minisséries e novelas televisivas, o que levará a tradução da estrutura das letras para outras semioses.

A tradução ou as traduções (tv, cinema, minissérie), mesmo com as manipulações que divergem da obra original significou a aproximação de diferentes culturas e línguas, modificando as relações como enxergamos o próximo. Como mencionado no artigo de Geraldo Ramos Pontes Jr e Maria Cristina Batalha (2004, p.30) “a tradução favorece uma maior aproximação entre os povos e que, por conseguinte, toda vez que lidamos com a cultura do outro, somos levados a refletir sobre nós mesmos com relação a esse outro com quem dialogamos.” Logo, a tradução é uma forma de enxergamos o outro ao mesmo tempo que nos leva à autorreflexão e ao respeito à cultura do próximo.

Referências

- ARROJO, Rosemary. **Oficina de Tradução:** A teoria na prática. 2 ed. São Paulo: Editora Ática S.A. 1992.
- AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito.** Grandes Sucessos. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- AUSTEN, Jane. **Pride and Prejudice.** Australia: Planet book, 1813. Disponível em: <<https://www.planetebook.com/ebooks/Pride-and-Prejudice.pdf>>
- BATALHA, Maria Cristina; JUNIOR, Geraldo R. M. A tradução como prática da Alteridade. **Cadernos de Tradução.** Santa Catarina, v.1. n. 13. p. 27-43. 2004.
- BERMAN, Marshall. Introdução. O fausto de Goethe: A tragédia do Desenvolvimento. Tudo o que é sólido desmancha no ar: Marx, Modernismo e Modernização. In: **Tudo o que é sólido desmancha no ar:** a aventura da modernidade. 1 reimpressão. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 1986. Introdução. Cap. 1-2. p.15-127.
- RÓNAI, Paulo. **Escola de Tradutores.** 4 ed. Rio de Janeiro: EDUCOM, 1976.